



ALGUMAS PONDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O MEME E A MEMÉTICA

Gustavo Leal Toledo

Doutor em Filosofia pela PUC-Rio

Professor do Departamento de Filosofia e Métodos da UFSJ

lealtoledo@ufsj.edu.br

Resumo

O presente artigo tem por intuito apresentar o significado original do termo “meme” e a ciência proposta através dele. A Memética visa aplicar os modelos matemáticos, computacionais e conceituais da biologia ao estudo da cultura através de uma analogia do gene com o meme, que seria a unidade de transmissão cultural. Quando proposta, durante o final do século XX, a Memética recebeu várias críticas. Duas destas críticas serão tratadas aqui. A primeira diz respeito ao substrato físico dos memes e a segunda diz respeito ao papel do sujeito livre e da criatividade no processo de escolha e criação de novos memes.

Palavras-chave: Memes. Memética. Richard Dawkins. Criatividade. Daniel Dennett.

Abstract

This article aims to present the original meaning of the term “meme” and the science proposed through it. Memetics aims to apply the mathematical, computational, and conceptual models of biology to the study of culture through an analogy of the gene with the meme, which would be the cultural transmission unit. When proposed, during the late twentieth century, Memetics received several criticisms. Two of these criticisms will be addressed here. The first concerns the physical substrate of memes, and the second concerns the role of the free subject and creativity in choosing and creating new memes.

Keywords: Memes. Memetics. Richard Dawkins. Creativity. Daniel Dennett.

Introdução

O termo “meme” tem hoje um significado distante do seu original. Como mostraremos aqui, tal termo surgiu dentro do paradigma Darwinista, tendo em vista elucidar certas características deste paradigma com uma analogia interes-

sante que trata a cultura como um processo de evolução de unidades culturais, semelhantes aos genes, chamadas “memes”.

O presente capítulo tem por intuito explicar o que são os memes, em seu significado original de Richard Dawkins, e a Memética. De certo modo ele visa, então, resumir cerca de 15 anos de pesquisa na área em poucas páginas, o que com certeza implicará em uma série de lacunas¹. Para isso, apresentaremos brevemente a origem de tal termo, seu referencial teórico e alguns dos seus problemas e questões. Focaremos, ao final, em duas questões que consideramos centrais para justificar a dificuldade que muitos tem em aceitar o paradigma memético. A primeira é a falta de uma base ontológica, um substrato físico para os memes. A segunda é o papel que o sujeito, o indivíduo, tem dentro desta visão de mundo.

1 Origem dos memes

Apesar de Darwin ter publicado, em 1859, seu mais fundamental livro explicando o processo de evolução por seleção natural, foi só na década de 1940, com o que foi chamado de “Nova Síntese”, que o modelo darwinista de fato se estabeleceu como um processo que é capaz de explicar as grandes mudanças evolutivas através de um processo populacional de pequenas variações

1 Apresentei a Memética de forma simples e didática na revista *Filosofia, Ciência & Vida*, sob o título “Memética: a invasão das mentes”, cf. LEAL-TOLEDO, 2010b. Tal texto pode ser facilmente encontrado em meu perfil no site www.academia.edu.

aleatórias dos genes. Já estes tiveram sua estrutura decifrada só na década seguinte. A partir destes marcos, foi possível explicar todo o processo darwinista de forma bastante simples e direta como:

Se uma população variada de entidades produz descendentes semelhantes a si, e se essas entidades diferem em adaptatividade, a seleção deverá gerar alterações evolutivas nessa população independentemente do tipo de entidade em questão (STERELNY & GRIFFITHS, 1999, p. 41. Minha tradução).

Ou seja, se temos indivíduos que produzem descendentes semelhantes a si e que competem entre si em um ambiente de recursos limitados, então teremos alguns indivíduos que, por causa de alguma mudança qualquer, serão melhores em competir por estes recursos deixando, assim, mais descendentes do que a média da população com quem compete. Tal processo é o que se chama de “evolução por seleção natural”.

No entanto, não há nada em tal processo que exija que tais indivíduos sejam seres vivos. Embora eles sejam o exemplo mais óbvio, não são apenas os seres vivos que competem entre si para obter recursos para copiar a si mesmos. Tal constatação, que vê o processo evolutivo como um algoritmo, foi chamado de Darwinismo Universal e diz que “a seleção natural não é só a melhor teoria da evolução da vida na terra, mas quase com certeza é a melhor teoria da evolução da vida em qualquer lugar do universo” (PINKER, 2006, p. 132. Minha tradução). Ou, nas palavras de Richard Dawkins “o darwinismo é uma teoria grande demais para ser confinada ao contexto limitado do gene” (DAWKINS, 2001a, p. 213) e “sempre que surgirem condições nas quais um novo tipo de re-

plicador possa fazer cópias de si mesmo, os próprios replicadores tenderão a dominar” (DAWKINS, 2001a, p. 215).

Em seu clássico e premiado livro *O Gene Egoísta* (1976), o biólogo Richard Dawkins, ao apresentar o processo de seleção natural sob a perspectiva dos genes, achou por bem fazer uma analogia, apenas com fins heurísticos, onde sugeriu que o comportamento e a cultura podia passar por um processo idêntico ao processo darwinista pelo qual os genes passam. Para isso ele precisava de um nome para a unidade de transmissão cultural:

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de *imitação*. ‘Mimeme’ provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como ‘gene’. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para *meme*. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada com ‘memória’, ou à palavra francesa *même* (DAWKINS, 2001a, p. 214).

Surge assim o termo “meme” que, na definição de Susan Blackmore “são instruções para realizar comportamentos, armazenadas no cérebro (ou em outros objetos) e passadas adiante por imitação” (BLACKMORE, 1999, p. 17). De modo simples, o paradigma memético vai dizer que nossos comportamentos, ideias e cultura são passadas adiante por imitação ou outras formas de processos de transmissão cultural. Mas,

O estoque de mentes é limitado, e cada mente tem uma capacidade limitada de memes, portanto, há uma forte competição entre os memes para entrar no maior número de mentes possíveis. Esta competição é a principal força seletiva na memosfera (DENNETT, 1991, p. 206).

Teríamos, assim, uma competição entre memes para “infectar” o maior número de mentes possível. Em tal competição, alguns memes serão mais adaptados a algumas mentes do que outros, o que tornaria mais provável de tal meme se instalar ali e dali passar para outras pessoas. Estes seria, então, o processo de evolução por seleção de memes. Nossas mentes, cérebros, comportamento e cultura seriam, então, o ambiente pelo qual estes memes competem e, de certo modo, seriam também uma construção desta própria competição.

Embora esta pareça ser uma visão reducionista e biologizante da cultura, a mesma não deve ser confundida com outras tentativas de explicar a cultura a partir do paradigma Darwinista como o Darwinismo Social, a Sociobiologia, a Psicologia Evolutiva e o chamado efeito Baldiwn. A Memética não vai dizer que a cultura (os memes) está sob o domínio da biologia (os genes). Na verdade, o que ela diz é bem o oposto. Para a Memética, o mundo biológico é apenas o ambiente pelo qual os memes competem, mas isso cria uma pressão seletiva nos memes que gera um processo de evolução por seleção por conta própria. Ou seja, o processo de evolução memética não é um processo sob o comando dos genes. Assim como os genes, os memes buscam a própria replicação.

O que a Memética usaria da biologia é apenas os seus modelos matemáticos, computacionais e conceituais, mas aplicando os mesmos no estudo da cultura, com as necessárias modificações. Um modelo computacional que produz uma curva epidemiológica, como vimos nesta recente pandemia de COVID-19, poderia ser usado também para analisar “epidemias culturais” como, por exemplo, a propagação de *fake news* ou de uma nova música da moda de

carneval. Tais memes (uma *fake news* ou uma música da moda) funcionaria como um vírus comportamental que passa de pessoa para pessoa em um processo que ao menos em larga escala seria bem parecido com a transmissão de uma doença e, portanto, cabível de ser modelado computacionalmente com tais modelos.

No entanto, a mera sugestão de estudar o desenvolvimento cultural usando o modelo de evolução por seleção natural foi largamente criticada assim que surgiu. Há críticas mais gerais, como a da cientificidade de uma disciplina histórica da cultura. Pode a Memética ser realmente uma ciência? Que tipo de ciência ela seria? A Memética teria uma base empírica ou seria só uma análise conceitual?² Além disso, há o problema da relação da Memética com as ciências humanas que sentiram sua área invadida. Qual seria a relação da Memética com estas diversas áreas?

Além destas críticas, existem problemas levantados pelos próprios defensores da Memética. Há a discussão de se memes podem ser passados só por imitação ou também por outras formas de aprendizado social. Há o problema da velocidade da mudança cultural ser exageradamente rápida de modo a comprometer a fidelidade da transmissão e, assim, impedir a evolução. Há o problema de como distinguir se traços culturais semelhantes são cópias um do outro ou desenvolvimentos independentes.

2 Como muito bem ressaltou Oswaldo Chateaubriand em uma conversa pessoal durante a orientação da minha Tese de Doutorado (PUC-Rio) “a Memética ou é uma ciência ou não é nada!”. Se ela não tiver uma fundamentação empírica, uma estrutura matemática, capacidade experimental e preditiva, ela simplesmente não interessa. A Memética não surgiu para ser só mais uma teoria interpretativa da cultura.

Entre as críticas específicas, há uma que diz que o meme se mistura com outros memes de modo que isso o torna relevantemente diferente dos genes. Também temos o problema de se a Memética é realmente darwinista ou é, na verdade, lamarckista. Uma das mais comuns é que não sabemos a natureza dos memes, significando que não sabemos ainda do que eles são feitos, qual é o seu substrato físico. Uma das críticas mais importantes, e que causa boa parte da repulsa ao conceito de meme, é sobre o papel do sujeito livre na evolução cultural. Estas duas últimas serão apresentadas com um pouco mais detalhes a seguir³.

2 Do que um meme é feito?

O primeiro motivo que torna a Memética um paradigma contraintuitivo e difícil de aceitar é a dificuldade de visualizar o que exatamente é um meme, qual seu substrato físico. Na evolução biológica entendemos com certa facilidade como se dá o processo de replicação/reprodução mesmo antes de estudarmos sobre os genes. Sabemos desde cedo que os filhos são semelhantes aos pais. Quando aprendemos que existem genes passados pelos gametas na forma de DNA no núcleo das células, a questão do substrato físico da hereditariedade e do processo de evolução por seleção natural nos parece resolvido.

3 Todas estas inúmeras críticas já foram tratadas por mim em outros artigos que podem ser achados na bibliografia e que estão disponíveis em meu perfil no *site* www.academia.edu.

Na Memética não temos nada nem mesmo remotamente semelhante. Na melhor das hipóteses os memes são

padrões abstratos de algum tipo, impostos em estruturas físicas preexistentes dentro do cérebro, e não coisas físicas que estão determinadas a criar outras coisas físicas com uma estrutura física comum (CHURCHLAND, 2002, p. 67. Minha tradução).

Embora a ideia de que a cultura é passada de pessoa para pessoa, de geração para geração, por algum tipo de processo de imitação ou aprendizagem social seja intuitiva e fácil de apreender, como este processo se dá de um ponto de vista puramente fisicalista parece algo distante ou mesmo inatingível. Na verdade, como veremos a seguir, parece até excessivamente reducionista colocar esta questão ou até mesmo moralmente incorreto. As ciências que estudam a transmissão cultural raramente se questionam como ela se dá fisicamente ou mesmo acham que tal problema é relevante.

A Memética, é claro, poderia simplesmente fazer o mesmo. A biologia evolutiva não sabia qual era o substrato físico da hereditariedade por muitas décadas, na verdade, por quase um século. A proposta da hereditariedade por pangênese proposta por Darwin não só estava errada, como entrava em contradição direta com a própria estrutura da evolução por seleção natural proposta por ele. Se a biologia pôde existir por um século sem saber que os genes estavam no DNA e se as áreas que estudam atualmente a cultura sequer se perguntam sobre o substrato físico da mesma, por qual motivo deveria a Memética já surgir com uma resposta para tal questão?

Em tese, ao menos, ela não precisa. É possível aplicar modelos epidemiológicos a transmissão seja de um comportamento, seja de uma doença, sem saber exatamente do que são feitos e como se propagam fisicamente. Se soubermos outras variáveis como, por exemplo, quantas pessoas uma pessoa infecta, em média, com este comportamento (ou doença), por quanto tempo ela é infecciosa, se os infectados geram imunidade etc, podemos aplicar tais modelos mesmo desconhecendo todo o processo físico/fisiológico que está por detrás disso.

No entanto, ao contrário das demais áreas que estudam a cultura (e semelhante à biologia), a Memética propõe a existência de uma unidade de transmissão cultural chamada “meme”. É apenas natural que perguntemos sobre o que é este meme e do que ele é feito, assim como fizemos na biologia evolutiva e chegamos a teoria de que os genes estão no DNA. Ainda mais dado que a proposta de que a cultura é passada por unidades de transmissão nos parece estranha ou mesmo errada.

Uma possível resposta a isso é uma resposta indireta. Temos mais contato imediato e cotidiano com os processos de transmissão culturais do que biológicos. Na verdade, até como se dá o processo de transmissão biológico é aprendido por nós não de modo direto, mas sim através de um processo (memético) de aprendizagem social. Isso nos permite estar mais cientes dos detalhes, das complicações e dificuldades da transmissão memética do que estamos da transmissão biológica. Mas esta é também muito mais complexa do que a tradicional explicação de que genes são ou estão no DNA faz parecer.

Existem, na verdade, mais de uma dúzia de definições diferentes do termo “gene” usadas na biologia. Nenhuma delas é tão simples e direta como aquela tradicional definição que aprendemos na escola. Inclusive, nem todas mencionam o DNA. Tem se tornado cada vez mais comum ver o gene como um processo celular que envolve o DNA, mas não apenas ele. A visão do gene no DNA parece ser uma analogia errada que vê o núcleo como o cérebro da célula, seu centro de comando, quando, na verdade, o núcleo se assemelha mais a uma espécie de arquivo com informações relevantes que a célula usa para fazer cópias de si mesma.

Alguns conceitos muito importantes do termo “gene” são ainda mais audaciosos. Ao contrário de uma pessoa que estuda genética molecular, um biólogo que estuda os processos evolutivos em uma escala maior tem muito pouco uso para a definição tradicional. Quando ele diz que um determinado gene Neandertal pode ser achado nos Homo Sapiens atuais, ele não está se referindo a um mesmo pedaço de DNA que compartilhamos, mas sim a mesma informação que é passada de geração em geração. “O que importa é a informação do gene, não sua continuidade física” (RIDLEY, 2006, p. 335).

Este conceito do gene como informação passada de geração em geração, sem ser absolutamente relevante saber qual o substrato físico do mesmo, está de perfeito acordo com a Memética. Do mesmo modo que sabemos que pais altos têm mais chances de ter filhos altos do que a média da população, sabemos também que pais com um sotaque mineiro tem mais probabilidade de ter um filho que também tenha um sotaque mineiro do que a média da população. O so-

taque não é passado biologicamente, mas sim aprendido nos primeiros anos de vida. É uma transmissão comportamental que podemos não saber exatamente como se dá, mas que não há muitas dúvidas de que acontece.

O fato é que “havia outrora um consenso quanto ao que constitui um gene, mas já não há” (FRANCIS, 2015, p. 37). Mesmo após a sua codificação, “quanto mais se sabia sobre o gene, mais difícil parecia sua definição” (GLEICK, 2013, p. 309)⁴. Embora seja improvável que o conceito de gene seja abandonado, ele é ao menos muito mais confuso do que os críticos da Memética gostariam que fosse, e é reconhecido por praticamente qualquer biólogo, como Futuyama (2002, p. 50) afirma, que “genes são muito complexos e extremamente difíceis de serem definidos”.

A aparente simplicidade da definição do substrato físico de um gene se dá, como dissemos, apenas pelo desconhecimento que temos dos processos envolvidos na hereditariedade biológica. Podemos aplicar aqui o que chamamos de princípio do urso: se você e seu amigo estão fugindo de um urso na floresta, você não precisa correr mais do que o urso, mas apenas correr mais que seu amigo. Do mesmo modo, a Memética não precisa dar uma resposta mais clara e precisa do que a Biologia dá para o problema do substrato do gene. E tal resposta, na biologia, não é tão clara como parece.

4 Ver também o debate sobre a possibilidade de redução da genética mendeliana à genética molecular em Hull (1975).

3 Quem escolhe seus memes?

Os principais veículos de transmissão de memes são, sem dúvida, os seres humanos. Embora existam animais com formas de transmissão cultural, nenhum deles se compara ao que os seres humanos podem fazer:

As crianças humanas são capazes de imitar uma ampla gama de sons vocais, posturas corporais, ações sobre objetos, e até mesmo ações completamente arbitrárias tais como abaixar-se e encostar a cabeça em um painel plástico. Por volta dos 14 meses de idade, a imitação às vezes pode atrasar-se até cerca de uma semana ou mais, e as crianças parecem saber quando os adultos lhes estão imitando. Ao contrário dos demais animais, nós imediatamente imitamos quase tudo, e parece que sentimos prazer em fazê-lo (BLACKMORE, 1999, p. 50. Minha tradução).

No caso dos seres humanos, a cultura parece ser algo que é muito mais do que um modo que passamos informações de geração em geração. Nós não somos só entendidos dentro da nossa cultura, mas fomos construídos por ela. Não só no que diz respeito a nossa personalidade e nosso modo de nos situar no mundo, mas até em nossa própria biologia. Nossa mão, nossos dentes, nosso quadril, nossa coluna etc são, em parte, produtos físicos de pressões culturais em nosso organismo. É a chamada co-evolução meme-gene. De certo modo, nossa cultura é o que nós somos. Somos nossos memes. Por isso Dennett pode dizer:

O porto seguro de que todos os memes dependem é a mente humana, mas ela mesma é um artefato criado quando os memes reestruturaram um cérebro humano para torná-lo um habitat melhor para os memes.

[...]

Mas se é verdade que as mentes humanas são, em grau notável, as criações de memes, então não podemos sustentar a polaridade de visão

que analisamos anteriormente; não pode ser ‘memes versus nós’, porque infestações anteriores de memes já tiveram um papel importante determinando quem ou o que somos. A mente ‘independente’ que luta para se proteger de memes alienígenas e perigosos é um mito (DENNETT, 1991, p. 207).

Se somos a construção de nossos memes e se estes nos são passados por um processo de evolução por seleção, então surge uma nova perspectiva que não só é contraintuitiva, mas também assustadora e possivelmente até imoral:

Ao invés de pensar em nossas ideias como nossas próprias criações, e como coisas que trabalham para nós, temos que pensar nelas como memes autônomos egoístas, que trabalham apenas no sentido de serem copiados (BLACKMORE, 1999, p. 8. Minha tradução).

Ou seja, se somos a construção de nossos memes em um nível fundamental, não é possível fazer a separação entre um “nós”, o sujeito, e um “eles”, os memes. O que significa que o espaço para um sujeito livre capaz de determinar e escolher quais memes ele vai ou não reproduzir e passar adiante praticamente desaparece. Em seu lugar, surge uma nova visão onde nós não passamos de uma parte do ambiente que os memes utilizam para se reproduzir e passar para novas pessoas em um processo que em nada depende de nós.

Nasce, assim, a chamada *perspectiva-dos-memes* (DENNETT, 1998). A Memética trata a cultura não do ponto de vista dos humanos, mas do ponto de vista da própria cultura. Em última instância é isso o que significa tratar a cultura como uma replicadora por conta própria. Podemos dizer que são os memes que querem ser replicados e não nós que os queremos replicar⁵. É esse ponto de vis-

5 Está sendo usado aqui o que Dennett chamou de Postura Intencional. Cabe notar que a utilização desse tipo de postura é bastante usual, mas que eventualmente causa distorções, prin-

ta, do meme como sujeito, que a Memética nos traz e é essa sua grande inovação e seu grande problema⁶.

A Memética parece então estar em oposição direta ao modo como vemos a nós mesmos e nossa relação com o mundo. No entanto, como nos diz Dennett,

A única posição racional que a memética contradiz é a posição quase incoerente que supõe que existem razões sem qualquer amparo da biologia, e que estão como que penduradas de algum gancho imaginário (*skyhook*) cartesiano (DENNETT, 2003, p. 187. Minha tradução).

Ou seja, a não ser que acreditemos em um sujeito completamente livre, sem qualquer restrição natural, biológica ou física na sua capacidade de fazer escolhas, a Memética não deve levantar mais problemas do que as outras visões de como o indivíduo livre se relaciona com o mundo. Mas se entendemos os seres humanos como parte do mundo natural, restritos pelos mesmos limites que tudo o mais, então a liberdade de escolha de um indivíduo (e a própria existência deste indivíduo) também precisa ser explicada dentro destes limites. Do contrário, a visão de “sujeito livre” professada simplesmente não se adequa ao

principalmente na divulgação científica para o público leigo. Tal uso é tão difundido e comum que esquecemos que a própria ideia de uma “seleção” natural utiliza a postura intencional para nomear um processo natural, pois evoca a ideia de “selecionar” algo, processo tipicamente baseado em uma escolha consciente entre variedades. A natureza, é claro, não “seleciona” nada. Certas adaptações apenas têm maior probabilidade de serem passadas do que outras e, por isso, tendem a se tornar mais comuns.

- 6 Em 15 anos estudando este tema, vi este problema como o principal impedimento na aceitação generalizada de uma visão memética de mundo. A visão do processo de transmissão cultural como um processo plenamente natural e até de certa forma cego e mecânico tende a ser inaceitável para a maioria. Mas, ao meu ver, esta é a implicação mais interessante no paradigma Memético e um dos motivos mais fortes pelos quais devemos aceitá-lo como visão geral de mundo.

mundo natural e deve ser entendida, então, como sobrenatural, com todos os problemas derivados disso.

Um dos modos possíveis de compatibilizar a perspectiva do meme e nossa visão da existência de um sujeito livre para fazer escolha entre os memes que lhes são apresentados pode ser encontrada em mais uma analogia com a biologia. O motivo adaptativo que torna uma fruta saborosa é porque ela “quer” ser comida, pois quando algum animal a come, ele espalha as suas sementes e isso evita que ele coma as folhas das árvores, entre outros fatores. Por esse motivo, muitas frutas são doces, suculentas e saborosas, pois elas estão adaptadas ao paladar dos animais que as comem e às suas necessidades nutricionais

Já para um animal, o seu paladar é o que permite escolher o que comer ou não, mas para a fruta ele é apenas o ambiente ao qual ela deve se adaptar. Do mesmo modo, para um ser humano, seu aparato cognitivo pode ser o que lhe faz escolher entre o que imitar e o que não imitar, mas, para um meme, ele é só parte do ambiente ao qual ele deve se adaptar⁷. Discutir se é o paladar do animal que se adequa ao que é oferecido pela fruta ou se é a fruta que se adequa ao paladar do animal se torna inócua nesta perspectiva. Os dois se adequam um ao outro e não há motivos para assumir que um tem primazia sobre o outro.

No entanto, a tendência geral é que acreditemos que temos mais capacidade de agência do que esta simples analogia indica. A existência do indivíduo

7 Os estudos das Neurociências, em especial dos neurônios-espelho, e da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicologia Evolutiva devem, então, ser tratados como estudo do ambiente do memes e podem nos permitir, no futuro, prever e explicar quais memes se tornarão mais comuns.

sem restrições e capaz de fazer suas escolhas livremente está fortemente entranhada em nós a ponto de parecer uma constatação imediata e fundamental. Poderíamos dizer que esta crença é um dos nossos memes mais centrais e poderosos⁸. Mas o que sabemos hoje sobre o funcionamento do cérebro parece ir em outra direção⁹. Nas palavras de Steven Pinker:

Os neurocientistas cognitivos não só exorcizaram o fantasma [o eu], mas também mostraram que o cérebro nem sequer possui uma parte que faz exatamente o que se supõe que o fantasma faça: examinar todos os fatos e tomar decisão para o resto do cérebro implementar. Cada um de nós sente que existe um 'eu' único no controle. Mas essa é uma ilusão que o cérebro se esforça arduamente para produzir (PINKER, 2004, p. 69-70).

As análises de Ramachandran (2014) e Dennett (1991) sobre o sujeito vão até além do que é dito aqui por Pinker. Não só não há lugar nenhum no cérebro que corresponda ao que chamaríamos de "eu" e que comandaria nossas ações, mas uma análise fenomenológica indica que nem mesmo parece haver¹⁰. Ou seja, não há nem mesmo a ilusão de que existe um "eu" no controle do nosso

8 Cabe notar que esta é fundamentalmente uma constatação ocidental e cristã. A ideia de um sujeito livre não é tão relevante nas tradições orientais e nem mesmo na tradição islâmica. O motivo pelo qual esta visão é tão importante no cristianismo talvez tenha relação com a tradição de responder o Problema do Mal com a resposta do Livre-Arbítrio. Tema que no momento me aprofundo a partir de uma pesquisa financiada pela Fundação John Templeton.

9 Sugiro, como regra geral da filosofia, que sempre desconfiemos de nossas intuições. Em especial, sempre desconfiemos de uma ciência que parece confirmar nossas intuições. Este é um dos principais sinais de que ela é, na verdade, pseudo-empírica, recheada de suposições *ad hoc* derivadas destas próprias intuições.

10 Na filosofia nada pode ser dado como óbvio. Isso vale para a existência do "eu", do "livre-arbítrio", da "mente", da "consciência" e até mesmo das "leis fundamentais da lógica clássica". Se a pessoa não está disposta a questionar a própria existência do que considera um "dado", não deveria fazer filosofia, pois aí está a força que ela tem e nem mesmo a ciência tem. Chamo tal atitude de "Radicalismo Metodológico", algo semelhante à dúvida hiperbólica de Descartes.

comportamento, mas apenas um traço cultural discursivo (um meme) que faz com que narremos nossas vidas como se houvesse tal controle central.

Mas a ausência de um sujeito no controle de nossas escolhas nos leva a uma série de outros problemas. Um destes problemas é particularmente importante na visão memética de mundo, que é o surgimento de novos memes por processos criativos. Se não há um sujeito, então quem cria novos memes? Quem tem novas ideias?

A resposta a este problema pode ir na mesma direção da resposta anterior, ou seja, embora narremos nossa existência com a presença de uma capacidade criativa de criar ideias e comportamentos novos como que do nada, na verdade tal habilidade não só não existe, mas sequer parece que existe. “Nem mesmo os grandes criadores conhecem a trajetória direta e segura para a beleza ou a verdade” (SIMONTON, 2002, p. 216). Ao criar algo novo, podemos até ter feito muito esforço mental para chegar até lá, mas este esforço não é um caminho, um método ou uma regra para se chegar à criação de um novo meme, uma nova ideia ou novo comportamento. Dizer que alguém é criativo não diz absolutamente nada sobre como ele é capaz de criar o que quer que seja (Lewens, 2005, p. 160).

O processo de criação não precisa ser visto como um *fiat ex nihil* (criar algo do nada). *Ex nihilo nihil fit* (nada surge do nada). Tal processo pode ser visto como um processo de seleção memética, semelhante ao sugerido por Dennett, que ocorre dentro de nosso cérebro. “Quando anunciamos ao mundo uma boa

ideia, quem sabe que seleção subconsciente, quase darwiniana, não se passou nos bastidores dentro de nossa cabeça” (DAWKINS, 2001b, p. 389).

Cada pessoa é diferente de todas as outras pessoas, mesmo gêmeos idênticos. E cada um teve vivências diferentes do que todos os demais. Isso permite um gigantesco processo de recombinação de memes na cultura, que acontece em múltiplos processos de seleção acontecendo nos cérebros das pessoas a todo o momento, cada pessoa tendo seu processo específico que depende de sua estrutura biológica e dos memes que a habitam. Alguns destes processos, por pura recombinação de memes, vão dar origens a novos e interessantes memes. Chamamos isso de “criatividade”. Quando uma única pessoa tem vários destes processos ou tem um processo de seleção tão único que surge algo fundamentalmente diferente de tudo que já foi visto, chamamos de “genialidade”.

Não é sem razão que a genialidade não é biologicamente herdada e nem pode ser ensinada (memeticamente herdada). Ela não é algo que as pessoas têm e que pode ser passada adiante seja por que meio for, mas sim uma fortuita coincidência de fatores contingentes. O que explica, inclusive, por que ela é tão rara. Explica também por que grandes gênios também foram muito estúpidos em outras áreas de suas vidas. As vezes até mesmo nas próprias áreas em que são considerados gênios. A genialidade não é uma característica que a pessoa tem e que pode usar quando e onde desejar. Não está em comando de um “eu”. A rigor, nem mesmo existe como algo além do que um encontro fortuito¹¹.

11 Lembre-se disso da próxima vez que estiver na frente da obra de um gênio. Só porque uma determinada obra dele é genial não significa que todo o resto é relevante. A idolatria de um gênio que nos faz valorizar todo e qualquer esboço ou nota de rodapé produzida pelo mesmo é injustificada.

Esta visão permite que a Memética produza (ou aprofunde) uma das feridas narcísicas da humanidade. Do mesmo modo que Darwin mostrou que a aparência de projeto e criatividade na natureza não implica na existência de um projetista criativo, o mesmo vale para a aparência de projeto e criatividade na cultura, que não implica a existência de um sujeito criativo. Nas palavras de Blackmore, “processos evolutivos são criativos – talvez os *únicos* processos criativos no planeta” (BLACKMORE, 2000, p. 29. Minha tradução. Destaque nosso). Não precisamos de Deus para explicar o mundo e nem precisamos de nós mesmos. O mundo se dá através de processos criativos cegos que produzem, inclusive, a ideia de que existe algum tipo de controle, mesmo quando não há nenhum. Tal meme, tão pouco adaptado aos nossos memes cristãos ocidentais, acha ambiente mais propício em certas tradições orientais, como o Zen-Budismo. Mas memes, assim como genes, mudam.

Não nos esqueçamos da Segunda Regra de Orgel: “A natureza é mais esperta do que você”.

Referências

AUNGER, R. *Darwinizing Culture. The Status of Memetics as a Science*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

BLACKMORE, S. *The meme machine*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BLACKMORE, S. The meme's eye view. In: AUNGER, R. *Darwinizing Culture. The Status of Memetics as a Science*. Oxford: Oxford University Press, p. 25-43, 2001.

BROOK, A. & ROSS, D. *Daniel Dennett*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CHURCHLAND, P. Catching Consciousness in a Recurrent Net. In: BROOK, A. & ROSS, D. *Daniel Dennett*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 64-82, 2002.

DAWKINS, R. *O gene egoísta*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2001a.

DAWKINS, R. *O Relojoeiro Cego. A teoria da evolução contra o desígnio divino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

DENNETT, D. C. *Consciousness explained*. Boston: Little, Brown and Company, 1991.

DENNETT, D. C. *A Perigosa Idéia de Darwin*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DENNETT, D. C. *Freedom Evolves*. New York: Viking, 2003.

FRANCIS, R. C. *Epigenética: como a ciência está revolucionando o que sabemos sobre hereditariedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

FUTUYMA, D. J. *Biologia Evolutiva*. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002.

GRAFEN, A. & RIDLEY, M. (Org.). *Richard Dawkins. How a scientist changed the way we think*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GLEICK, J. *A Informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HULL, D. Taking memetics seriously: memetics will be what we make it. In: AUNGER, R. *Darwinizing Culture. The Status of Memetics as a Science*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

HULL, D. *Filosofia da Ciência Biológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LEAL-TOLEDO, G. Antropologia e Memética: um diálogo possível. In: MACHADO, N. et al. *Do Homo sapiens ao Robô Sapiens*. Rio do Sul: UNIDAVI, p. 137-73, 2014a.

LEAL-TOLEDO, G. Até onde vai o Meme: o problema da unidade e o problema da ontologia. *Principia*, v. 20, n. 2, p. 239-54, 2016.

LEAL-TOLEDO, G. *Controvérsias meméticas: o ultradarwinismo de Dawkins, Dennet e Blackmore*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009a. Tese (Doutorado em Filosofia). 467p.

LEAL-TOLEDO, G. Dawkins, Dennett e as tentativas de universalização do darwinismo. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 1, n. 1, p. 253-8, 2009b.

LEAL-TOLEDO, G. Em busca de uma fundamentação para a Memética. *Trans/Form/Ação*, v. 36, n. 1, p. 187-210, 2013a.

LEAL-TOLEDO, G. Filosofia da Biologia: problemas de encaixe – o que mantém as espécies distintas. In: MACHADO, N.; SEGATA, J. *Filosofias(s)*. Rio do Sul: UNIDAVI, p. 45-61, 2010a.

LEAL-TOLEDO, G. Memética: a invasão das mentes. *Filosofia, Ciência & Vida*, n. 51, p. 22-29, out. 2010b.

LEAL-TOLEDO, G. Naturalizando o Comportamento e a Cultura. *Revista Ciência & Ambiente*, v. 48, p. 231-43, 2014b.

LEAL-TOLEDO, G. Neurônios-Espelho e o Representacionalismo. *Revista Aurora*, v. 30, n. 22, p. 153-77, 2010c.

LEAL-TOLEDO, G. O Nascimento do Homem e do Meme. *Revista Kalagatos*, v. 11, n. 21, p. 269-88, 2014c.

LEAL-TOLEDO, G. O papel do sujeito na ciência dos memes. *Revista Fundamento*, 6(1), p. 89-104, 2013b.

LEAL-TOLEDO, G. *Os Memes e a Memética: o uso de modelos biológicos na cultura*. São Paulo: FiloCzar, 2017.

LEAL-TOLEDO, G. Uma Crítica à Memética de Susan Blackmore. *Revista Aurora*, v. 25, n. 36, p. 155-78, 2013c.

LEWENS, T. *Organisms and Artifacts: Design in Nature and Elsewhere*. Massachusetts: The MIT Press, 2005.

MACHADO, N. *et al.* *Do Homo sapiens ao Robô Sapiens*. Rio do Sul: UNIDAVI, 2014.

PINKER, S. Deep Commonalities between Life and Mind. *In: GRAFEN, A. & RIDLEY, M. (Org.). Richard Dawkins. How a scientist changed the way we think*. Oxford: Oxford University Press, p. 130-45, 2006.

PINKER, S. *Tabula Rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RAMACHANDRAN, V.S. *O que o Cérebro tem para Contar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RIDLEY, M. *Evolução*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SIMONTON, D.K. *A Origem do Gênio: perspectivas darwinianas sobre a criatividade*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

STERELNY, K. & GRIFFITHS, Paul E. *Sex and death: an introduction to philosophy of biology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.



Esta obra está licenciada sob a licença [Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).